TERESA

Minha história

Meu nome é Teresa, tenho 37 anos. Desde que nasci moro na favela, depois que me casei me mudei para um barraco onde moro com meus filhos até hoje. As coisas por aqui são iguais desde que eu era pequena, sempre correndo atrás para não deixar faltar nada em casa. Meu orgulho é ver que meus filhos sempre tiveram o que comer. Hoje trabalho cuidando de crianças aqui da comunidade. Não ganho muito, mas acho que meu trabalho é importante, porque a mãe delas pode trabalhar e eu consigo pagar minhas contas e não deixar faltar comida em casa. Além disso, cuido das crianças na minha própria casa e isso é bom porque tenho dificuldades pra andar devido a uma trombose que tive uns anos atrás. Passei por muitas coisas na vida e acabei aprendendo a lidar com algumas delas. Por exemplo, viver com pouca comida e pouco dinheiro e também me esconder quando percebo que o bicho vai pegar aqui na comunidade.

CONFLITO

O mais difícil aconteceu recentemente: perdi meu filho Pedro, de 14 anos, na última invasão da polícia aqui. Eles entram sem avisar os moradores, o caveirão voador ficou tão perto que o vento parecia que ia levantar as telhas do barraco. Quando vi meu Pedrinho no chão, com o uniforme da escola cheio de sangue e todo furado de tiros, senti meu coração quase parando, uma dor sem nome, sem forma. Faz um mês desde a sua morte e não consigo parar de pensar no que eu poderia ter feito para evitar, ainda sinto a mesma dor daquele dia. Quando escuto barulho de tiro meu coração acelera, tenho medo de perder meus outros dois filhos, Lais e Rafael. Quando olho as crianças que cuido, lembro do meu filho morto também. Isso está me paralisando. A comida do armário está acabando e meu problema da perna fica cada vez pior. Estou com dificuldade para continuar cuidando das crianças, mas não posso parar, porque essa é minha única fonte de renda. Não sei o que fazer, me sinto perdida, sem chão. Meu filho mais velho disse para eu buscar ajuda. **O que eu faço?**

T1 Tento buscar outro trabalho pra sair de casa

Recorro aos amigos **T2**

T1

Decidi ir no posto de saúde. Acordei ainda de madrugada e peguei um mototáxi, o único transporte que circula aqui na comunidade e nos leva até a avenida onde passam os ônibus. Com o problema na minha perna, é difícil andar pelas vielas e escadões. Quando chove é ainda pior. O posto é longe e muitas pessoas vão lá todos os dias, então pra ser atendida é preciso chegar bem cedo e pegar um bom lugar na fila. Mesmo assim, já teve vezes de eu não conseguir agendar a consulta. Cada hora é uma coisa: às vezes está sem sistema, às vezes o médico faltou. Mas hoje eu dei sorte, minha consulta foi agendada para o próximo mês, mas não sei se consigo esperar tanto tempo. Nada de novo, eles sempre dizem que não tem médico para atender na hora. **O que eu faço?**

T1

T3 Vou desabafar com uma amiga

Peço ajuda para minha família que também mora no morro **T4**

Teresa

MH

Teresa

C

Teresa

T1

T2

Fui conversar com a minha vizinha sobre o que eu tava sentindo. Ela não mora aqui há tanto tempo como eu, mas somos boas amigas, sempre nos ajudamos como podemos. Assim como eu, ela perdeu um filho por causa das entradas dos policiais na comunidade. Quando falei que tinha medo de perder meus outros dois filhos, ela me contou que agora tem um aplicativo dos moradores da favela e que lá sempre aparecem os locais onde está acontecendo operação, aí posso avisar meus filhos. Também disse que sempre que sente muitas dores fortes toma um remédio tarja preta, que ajuda ela a se acalmar, principalmente quando a saudade e a tristeza vêm e tudo parece perdido - que é como me sinto agora. Esse remédio foi indicado por outra amiga aqui do morro. Ela também me indicou um tal de CRAS, que é pra ver se eles me ajudam com alguma coisa, principalmente com falta de comida e de dinheiro. **O que eu faço?**

T2

T5 Tomo o remédio

Vou até o CRAS **T6**

T3

Depois de buscar ajuda e não conseguir nada, decidi ir conversar com a vizinha que mora do lado do meu barraco. Ela não está aqui há tanto tempo como eu, mas somos boas amigas e sempre nos ajudamos como podemos. Assim como eu, ela também perdeu um filho por causa da invasão dos policiais na comunidade. Quando falei que tinha medo de perder meus outros dois filhos, ela me contou que agora tem um aplicativo dos moradores da favela e que lá sempre aparece os locais que está acontecendo operação, aí posso avisar meus filhos quando as coisas estiverem complicadas.Também me disse que sempre que sente muitas dores fortes toma um remédio tarja preta que ajuda ela a se acalmar, principalmente quando a saudade e a tristeza vêm e tudo parece perdido - que é como me sinto agora. Esse remédio foi indicado por outra amiga ali do morro mesmo. Sobre a falta de coisas em casa para alimentar meus filhos, ela me falou que uma vez foi ajudada com o gás de cozinha pelo pessoal do movimento. **O que eu faço?**

T3

S1 Carta Surpresa

Tomo o remédio que ela falou **T5**

T4

Fui até a casa de uns parentes que moram aqui na comunidade. Falei da minha situação em casa, das dores e da angústia que sinto desde que meu Pedrinho morreu. Falei também sobre a falta de alimento para dar aos meus outros filhos e chorei muito, eu estava desesperada. Eles me disseram que isso tudo faz parte da vida, que sempre morre alguém quando a polícia entra aqui, e eu tinha que ser forte, porque Lais e Rafael ainda precisam de mim. No fim eles me disseram que não têm dinheiro ou comida pra me dar, porque as coisas estão muitos difíceis lá, quase todo mundo desempregado. Mas no meio da conversa eles sugeriram pra eu pedir ajuda de alimentos na igreja e também tomar um remédio tarja preta que uns conhecidos deles tomam para se tranquilizar e botar a cabeça no lugar. Eu realmente me sinto desesperada. **O que eu faço?**

T4

T5 Vou atrás do remédio

Vou procurar ajuda na igreja **T7**

Teresa

T2

Teresa

T3

Teresa

T4

T5

Comprei o remédio e comecei a tomar. Achei que precisava me acalmar um pouco, fazia dias que não conseguia dormir ou mesmo cumprir as tarefas do dia a dia. No começo eu dormia a noite inteira, mas na hora de acordar era difícil: um peso no corpo, um cansaço que nunca tinha sentido antes, e na maioria das vezes continuava não conseguindo cumprir as tarefas do dia a dia. O remédio estava ajudando a dormir, mas não me fez esquecer o meu filho morto no caminho da escola pelo caveirão voador, a sensação de vazio continuava. Pensei que ia melhorar logo, que eu conseguiria pelo menos trabalhar olhando as crianças da vizinha, mas pelo jeito vou precisar do remédio por mais tempo. Quanto aos outros problemas ainda não sei o que fazer. **Vou continuar com os meus remédios.**

T5

T8 Vou atrás do remédio

T6

Decidi ir ao CRAS. Acordei de madrugada, desci as vielas e escadões, mesmo com muita dor, para pegar o moto-táxi até a avenida, onde tomo o ônibus para chegar até o CRAS. Chegando lá peguei a senha, demorou até eu ser chamada. Quando a assistente social me atendeu, eu contei toda minha história. Ela parecia compreender o que eu estava falando. Não me entregou cesta básica porque não tinha nenhuma, mas me deu uma lista de documentos que eu preciso para pedir o Bolsa Família. Ela me contou também de um grupo de mães que perderam seus filhos por causa da violência da polícia e que se reúnem toda semana no CRAS para conversar e se apoiar. Tem reunião amanhã e seria importante eu ir, mas não sei se vou. É muito difícil falar sobre a morte do meu Pedro. Será que não devia juntar logo os documentos pro Bolsa Família? **O que eu faço?**

T6

S2 Carta Surpresa

Corro atrás dos documentos T9

T7

Fui à igreja que costumo frequentar e o pastor me conhece. Ele disse que eu podia conversar com ele sobre qualquer coisa, quando eu precisasse. Então, mesmo me sentindo perdida e angustiada, reuni o pouco de forças que me restava e falei que meu armário da cozinha estava quase vazio e, além disso, eu sentia uma dor desde a morte de Pedro que não diminuía. Perguntei se ele podia me ajudar com alguma coisa pra comer, pois não queria que meus dois filhos ficassem com fome. Ele disse que poderia me ajudar com uma oração e que eu preciso me colocar mais de joelhos diante de Deus e orar para que Ele providencie as coisas para mim, porque as coisas vão se resolver se minha fé for grande. Fiquei pensando se minhas orações deixarão meus filhos com a barriga cheia. Essa foi a primeira vez que pedi algo para os meus filhos, agora me sinto ainda mais desanimada, sem forças para seguir. **O que eu faço?**

T7

T8 Vou atrás do remédio

Vou procurar minha amiga T3

Teresa

T5

Teresa

T6

Teresa

T7

T8

Cada vez eu precisava mais do remédio. Com o tempo eu passei a tomar dois ou três para conseguir dormir a noite toda. Aqui na comunidade eles não exigem receita e quando fui buscar mais remédio o moço da farmácia me indicou um mais forte. Ele disse que com o tempo tem mesmo que trocar ou aumentar a dose. Com os novos remédios, eu durmo a noite toda, mas durante o dia fico anestesiada: já não consigo cuidar da casa, mal faço comida para os meus filhos, que na maioria das vezes comem na casa dos vizinhos ou na escola. Não consigo fazer nada direito, não tenho forças para ir no posto de saúde ou conversar com ninguém. Certo dia, em uma das invasões do caveirão, fiquei tão apavorada que tomei sete comprimidos. Comecei a passar mal e caí na porta de casa. Meus vizinhos viram e me levaram pro hospital, ainda desacordada. Quando acordei, a médica perguntou se eu fazia acompanhamento médico e disse que faria uma solicitação com prioridade para que eu fosse atendida no posto de saúde. Acho que ela não sabe como funciona lá. **O que eu faço?**

T8

T10 Vou ao posto de saúde

Volto para casa e continuo tomando remédios **T11**

T9

Juntei toda a documentação e fui até o CRAS dar a entrada no Bolsa Família. Depois de todo aquele esforço pra chegar lá, a assistente social disse que não seria possível receber o benefício imediatamente, porque estavam sem verba. Insisti que precisava muito, contei minha história e a dos meus filhos, mas ela disse que a decisão não era dela. Saí de lá arrasada, sem saber o que fazer. Quando cheguei em casa, estava com muita dor no corpo, com a cabeça girando sem parar. Lembrei do remédio tarja preta que a minha amiga tinha falado. Comprei na farmácia do lado e tomei logo três comprimidos de uma vez. Dormi o resto do dia e a noite toda. No outro dia, quando acordei, meus filhos estavam chorando, pois acharam que eu tinha morrido, porque eles me chamavam e eu não acordava. **Mas só os remédios conseguem me ajudar.**

T9

T8 Vou atrás do remédio

T10

Com o encaminhamento da médica, fui até o posto de saúde. O atendimento era prioritário, mas demorou como das outras vezes. Quando finalmente o médico me atendeu, disse que eu era irresponsável por tomar todos aqueles remédios sem receita. Receitou outro remédio, não me examinou, sequer olhou direito na minha cara e mandou eu voltar em 30 dias. A consulta não durou nem cinco minutos. Saí de lá pior do que entrei, o que essas pessoas acham que sabem sobre minha vida? Agora estou ainda mais confusa, eu sei que exagerei na dose do remédio, mas quando tomo a quantidade certa me sinto bem. Já esse novo medicamento que o médico me receitou, sem conhecer meus problemas, não sei se vai me ajudar. **O que eu faço?**

T10

T12 Continuo com os remédios que já tomava

Tomo o remédio que o médico receitou **T13**

Teresa

T8

Teresa

T9

Teresa

T10

T11

Continuei tomando os remédios, porque já não consigo viver sem eles, um vazio parece tomar conta de mim. Eu saio cada vez menos de casa, não tenho forças nem para conversar com os meus filhos. Hoje estava em casa sozinha e escutei um tumulto do lado de fora. Era de novo o caveirão voador, atirando lá de cima. Meu coração disparou na hora. Só conseguia pensar no rosto do meu Pedrinho, deitado no meu colo com as roupas cheias de sangue e furadas de tiros. Corri para pegar o meu remédio. Para tentar me acalmar, tomei dois comprimidos de uma vez, mas eles não pareciam estar fazendo efeito, então virei alguns na minha mão e tomei. **De repente senti uma dor muito forte no peito, não conseguia respirar direito e, aos poucos, tudo foi se apagando até eu cair no chão.**

T11

Essa parte da história de Teresa termina aqui. *O que você acha que aconteceu com ela? Quais as dificuldades que ela enfrenta para acessar os serviços da rede pública? O uso de remédios é visto como um problema relacionado à política de drogas? Como a questão de gênero atravessa a sua história?*

T12

Continuei tomando os remédios que o médico receitou antes de dormir. Mas logo na primeira semana me senti mal e não consegui dormir. Durante o dia me sinto exausta, sem forças para nada. A imagem do meu filho morto nos meus braços vem o tempo todo na minha cabeça e aí não consigo parar de chorar. Já não cuido da casa e mal faço comida para os meus filhos, que na maioria das vezes, comem na casa dos vizinhos ou na escola. Até minha vizinha já percebeu e tem trazido comida pra gente às vezes. Não sei mais o que fazer para sair dessa situação. Para falar com o médico e dizer que o remédio não está adiantando, tenho que ir ao posto de saúde e tentar agendar uma consulta. Por outro lado, eu posso ir à farmácia e comprar aquele que eu tomava antes. **O que eu faço?**

T12

T14 Tento voltar ao médico

Carta Surpresa **S4**

T13

O remédio receitado pelo médico não está dando certo pra mim. Meu coração fica acelerado toda vez que tomo e eu não consigo dormir à noite. Estou desesperada. Ouço tiros toda hora e já não sei se é real ou não, mas uma coisa eu sei: atiraram no Pedrinho. Não aguento mais viver com essa dor. A imagem do meu filho morto nos meus braços vem o tempo todo na minha cabeça e não consigo parar de chorar. Já não cuido da casa e mal faço comida para os meus filhos que, na maioria das vezes, comem na casa dos vizinhos ou na escola. Até minha vizinha já percebeu e tem trazido comida pra gente às vezes. Não sei mais o que fazer para sair dessa situação. Para falar com o médico e dizer que o remédio não está adiantando, tenho que ir ao posto de saúde e tentar agendar uma consulta. Por outro lado, eu posso ir na farmácia e comprar aquele que eu tomava antes. **O que eu faço?**

T13

T14 Aguardo a próxima consulta

Volto a tomar os remédios que eu tomava **T12**

Teresa

T11

Teresa

T12

Teresa

T13

T14

Mesmo com toda a angústia que eu sentia e as noites sem dormir, esperei o retorno da minha consulta. Contei ao médico sobre a minha ansiedade e que os remédios que ele receitou pareciam fracos. Ele acrescentou mais uma medicação para eu tomar apenas na hora de dormir, mas disse que era bom procurar fazer outras coisas pra ocupar meu tempo. Voltei pra casa pensando no que ele falou, acho que ele não entendeu que não escolho ficar sem forças. De qualquer forma, comecei a tomar os remédios do jeito que ele explicou. Aos poucos fui conseguindo me organizar mais nas tarefas de casa e ficar mais próxima dos meus filhos de novo, assistindo televisão juntos, conversando e brincando. **Eu ainda lembro do meu filho Pedrinho assassinado, mas sei que preciso continuar firme e forte para não deixar de cuidar dos seus irmãos, pois eles podem acabar mortos também.**

T14

S3 Carta Surpresa

T15

Estou tomando os remédios tarja preta antes de dormir. No começo era ótimo, não sentia dores, estava tranquila e conseguia dormir a noite toda. Mas com o tempo passei a sentir um cansaço enorme, um peso no corpo que me paralisava, e ainda não consegui parar de pensar no que aconteceu com meu filho Pedro. Está difícil até levantar da cama. Até gosto do grupo de apoio que estou frequentando no CRAS, mas com as dores e o cansaço comecei a faltar. Nem sempre estou disposta pra sair de casa. Hoje é dia de ir no grupo, mas estou cansada, não tenho forças para levantar da cama. Tenho vergonha que minhas amigas do grupo pensem que eu sou fraca, porque a maioria delas perderam filhos em situações muito parecidas com a do Pedro. Tenho mesmo vontade de desistir de tudo, me sinto angustiada e sozinha. **O que eu faço?**

T15

T8 Abandono o grupo

Vou no grupo e pergunto se outras passam por isso **T16**

T16

Voltei no grupo de apoio e contei o que estava se passando comigo. Falei das dores e de como só consigo dormir quando tomo os remédios tarja preta. Por alguns momentos tive medo de ser julgada mas, para minha surpresa, várias mulheres disseram que passam pela mesma coisa, que tomam remédios muito fortes para se acalmar, dormir e parar de sentir dor. A assistente social do grupo falou sobre o CAPS, um serviço público que poderia servir como mais um suporte para mim e fica ali perto, próximo ao CRAS. Ela disse que lá eu posso falar sobre os remédios, conversar com uma psicóloga e fazer um acompanhamento médico adequado. Falou também que preciso ir num serviço de saúde para tratar das minhas dores na perna. Estou muito cansada e sem tempo, dinheiro e disposição pra sair de casa, mas sinto que o problema da minha perna tem dificultado ainda mais as coisas. **O que eu faço?**

T16

T17 Vou no serviço de saúde e no CAPS

Sigo levando a vida como dá **T8**

Teresa

T14

Teresa

T15

Teresa

T16

T17

Comecei a fazer tratamento médico pra minha perna, mesmo com toda a demora do atendimento no posto de saúde. Também fui no CAPS e passei a fazer acompanhamento lá. Tive dificuldades de ir nos primeiros encontros, acho que não acreditava muito que seria mesmo bom para mim. As pessoas que trabalham lá mudaram os remédios que eu tomo e senti muita diferença nas primeiras semanas. Aos poucos percebo que estou me sentindo melhor. Não tem sido fácil, as lembranças do meu filho e todas as dificuldades do dia a dia ainda me fazem ter vontade de desistir de tudo. **O grupo de apoio é muito importante pra mim, lá eu posso encontrar com outras mulheres que passam por coisas bem parecidas com as minhas e conversar, e sinto que isso me fortalece.**

T17

Essa parte da história de Teresa termina aqui. *O que você acha que aconteceu com ela? Quais dificuldades ela enfrenta para acessar os serviços da rede pública? O uso de remédios é visto como um problema relacionado à política de drogas? Como a questão de gênero atravessa sua história? Qual tipo de atendimento teria feito mais sentido na sua trajetória?*

S1

CARTA SURPRESA 1

Fui pedir ajuda ao pessoal do movimento, na esperança de conseguir algo rápido, pois acho que ninguém além deles pode me ajudar e meu armário já está vazio. Na mesma hora eles me arrumaram uma cesta básica, levaram até a minha casa e disseram que eu podia pagar quando pudesse. Além disso, falaram que sempre que eu precisar posso ir até eles. Fiquei mais tranquila, porque agora tenho comida em casa, e de alguma forma senti um pouco de segurança que meus dois filhos não vão ficar com fome. Agora a dor e a tristeza estão me deixando sem rumo. Só tenho vontade de ficar em casa. **Pensei então em comprar o remédio que minha amiga falou, talvez ele me ajude com a fraqueza que estou sentindo.**

T5 Compro o remédio que minha amiga indicou

S2

CARTA SURPRESA 2

Resolvi ir ao grupo de mães do CRAS. Para chegar lá, mais uma vez tive que andar muito e aguentar a dor na perna. Quase desisti no meio do caminho, mas decidi continuar. Chegando lá, fiquei surpresa com a grande quantidade de mulheres - quase vinte. Inclusive eu conhecia algumas delas, de vista, da favela. Quando a roda começou, a assistente social pediu para eu me apresentar. Chorei muito enquanto contava a minha história, e algumas mulheres acabaram chorando também. Depois todas contaram um pouco sobre elas, os seus filhos e as dificuldades que enfrentam. Eu me senti acolhida e gostei de fazer novas amigas que entendem pelo que eu tenho passado. Voltei pra casa me sentindo melhor, mas as dores do corpo e o cansaço ainda incomodam muito. **Lembrei que a vizinha me falou do remédio que ajudou ela a ficar bem e resolvi comprar para ver se as dores passam.**

T15 Tomo o remédio indicado pela minha vizinha

Teresa

T17

Teresa

S1

Teresa

S2

S3

CARTA SURPRESA 3

Continuei fazendo acompanhamento médico. Não foi fácil, porque o posto está sempre cheio e os médicos às vezes faltam sem avisar. Em vários momentos tive vontade de tomar a cartela inteira para ver se a dor acabava, mas na medida em que o tempo passa, as coisas parecem estar se ajeitando. O médico também me encaminhou para uma psicóloga e uma assistente social do posto, o que me ajudou bastante. Comecei a perceber que meu problema é vivenciado por várias outras pessoas e que eu posso me fortalecer participando das atividades e dos encontros que elas me oferecem. **Eu passei a cuidar também de outros problemas de saúde e com isso estou cada vez mais forte.**

Aqui acaba essa parte da história da Teresa. *O que você acha que aconteceu com ela? Quais as dificuldades que ela encontra para acessar os serviços da rede pública? O uso de remédios é visto como um problema relacionado à política de drogas? Como a questão de gênero atravessa a sua história?*

S4

CARTA SURPRESA 4

Continuei tomando os remédios, porque já não consigo viver sem eles, um vazio parece tomar conta de mim. Eu saio cada vez menos de casa, não tenho forças nem para conversar com os meus filhos. Hoje estava em casa sozinha e escutei um tumulto do lado de fora. Era de novo a o caveirão voador atirando lá de cima. Meu coração disparou na hora. Só conseguia pensar no rosto do meu Pedrinho, deitado no meu colo com as roupas cheias de sangue e furadas de tiros. Corri para pegar o meu remédio. Para tentar me acalmar, tomei dois comprimidos de uma vez, mas eles não pareciam estar fazendo efeito, então virei alguns na minha mão e tomei. **De repente senti uma dor muito forte no peito, não conseguia respirar direito e, aos poucos, tudo foi se apagando até eu cair no chão.**

Esta parte da história de Teresa termina aqui*. O que você acha que aconteceu com ela? Quais são as dificuldades que ela enfrenta para acessar os serviços da rede pública? O uso de remédios é visto como um problema relacionado à política de drogas? Como a questão de gênero atravessa sua história?*

S3
Teresa

S4
Teresa